

CADERNO DE RESUMOS

III Simpósio Linguagem e Práticas Midiáticas - MidiAto 10 anos Crítica das Representações e Mediações

Escola de Comunicações e Artes da USP
23 e 30 de abril de 2019

Rosana de Lima Soares
Mayra Rodrigues Gomes
(organizadoras)

ISBN 978-85-7205-243-6

AUTORES

Aline Silva de Senzi, Andrea Limberto, Caio Lamas,
Cíntia Liesenberg, Eduardo Paschoal de Sousa, Eliza Bachega Casadei,
Fernanda Elouise Budag, Ivan Paganotti, Juliana Doretto,
Juliana Malacarne de Pinho, Mayra Rodrigues Gomes,
Nara Lya Cabral Scabin, Natalia Engler Prudencio,
Renata Carvalho da Costa, Rosana de Lima Soares, Sílvio Anaz,
Sofia Franco Guilherme, Thiago Siqueira Venanzoni,
Viviane Garbelini Cardoso

Expediente

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-Reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

Diretor da ECA-USP: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Vice-Diretora da ECA-USP: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

Expediente da publicação

Editora: Escola de Comunicações e Artes da USP

Organização: Rosana de Lima Soares e Mayra Rodrigues Gomes

Revisão e padronização: Andrea Limberto

Projeto gráfico: Juliana Doretto

Diagramação: Fernanda Elouise Budag e Eduardo Paschoal de Sousa

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

S612

Simpósio Linguagem e Práticas Midiáticas – MidiAto 10 anos: crítica das representações e mediações (3. : 2019 : São Paulo)
Caderno de resumos [recurso eletrônico] / Rosana de Lima Soares, Mayra Rodrigues Gomes (organizadoras) – São Paulo : ECA/USP, 2019.
65 p.

Trabalhos apresentados no Simpósio realizado dias 23 e 30 de abril de 2019, Escola de Comunicações e Artes da USP, São Paulo.
ISBN 978-85-7205-243-6

1. Meios de comunicação de massa - Congressos 2. Multimeios – Congressos
3. Crítica I. Soares, Rosana de Lima II. Gomes, Mayra Rodrigues

CDD 21.ed. – 301.161

Elaborado por: Sarah Lorenzon Ferreira CRB-8/6888



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Está autorizada a reprodução parcial ou total desta obra desde que citada a fonte
Proibido uso com fins comerciais



Os chamados e as aventuras em nossos tempos, ou das personagens que privilegiamos

Mayra Rodrigues Gomes, ECA-USP¹

Resumo: Neste artigo, partimos da ideia de que as estruturas narrativas, introduzidas no século passado por autores seminais, podem funcionar como eixos de leitura para além das arquiteturas dos enredos. Eixos, ou conceitos, que podem iluminar configurações sociais, os ditames de uma cultura. Na presente investigação, tratamos de apreender a natureza dos heróis por quem torcemos para que vençam ou que, pelo menos, saiam ilesos ao final de sua jornada, na suposição de que, assim, captaremos os valores compartilhados a um tempo e lugar.

Palavras-chave: Narrativas; chamado da aventura; identificações.

Embora os componentes ou etapas de uma narrativa não tenham sido concebidos com essa intenção, porque foram pensados como apontamento de passos comuns presentes na arquitetura das histórias a serem “contadas”, acreditamos que, quando vistos sob a ótica que os articula a um personagem, podem funcionar como chave para outras leituras. Isso porque tais etapas isolam um conjunto de ações ligadas a um protagonista, conjunto que, forçosamente, apontará para o *ethos* por ele assumido.

Se nos debruçarmos sobre essas chaves de leitura numa perspectiva temporal, algo dos hábitos cambiantes das culturas nos será mostrado e, com eles, o panorama de valores aí esboçados. Trabalhar com a hipótese de que, apreendendo a natureza dos heróis, capturamos os valores compartilhados a um tempo e lugar, liga-se a pensarmos que a natureza dos heróis por nós privilegiados deve operar como refração da nossa, já que não contamos histórias do nada e que não investimos em personagens e seus modos de ser sem que laços estreitos nos entrelacem.

“A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (FREUD, 1976, p. 133). É preciso uma analogia significativa para que uma identificação se instale, ou seja, que o personagem da história retrate algo de seu leitor/seguidor. Ora, ao trecho acima segue-se a demonstração do componente social na constituição do *ideal de eu* que, descontada uma articulação pessoal absolutamente única, é construído na embocadura de planos, e ideias, grupais. Assim, o retrato de alguém que motiva identificação é também o retrato de sua cultura.

¹ E-mail: mayragomes@usp.br

É por esse viés que podemos ler os elementos que compõem a arquitetura das narrativas como chaves de captação dos discursos que circulam em determinada cultura. Nosso exercício de captação em torno das funções narrativas será realizado por meio da aplicação a séries televisivas de sucesso. Para estudar os estágios da jornada do herói, tomamos as equivalentes versões da série *Perdidos no espaço* (de 1965 e de 2018); já para estudar a figura do herói, assumimos a série *Casa de Papel*.

Portanto, estamos propondo que não somente as escolhas de personagens, nossos heróis favoritos, podem funcionar como chaves de leitura para as realidades do mundo. Entendemos que qualquer uma das funções, ou blocos de ação, elencadas por Vladimir Propp (2010) a partir do estudo do conto maravilhoso, pode servir de eixo de captação dos discursos circulantes. A mesma lógica se aplica às etapas da jornada do herói, estabelecidas por Joseph Campbell (1992) em seu famoso diagrama, tanto referenciado ao monomito, na relação com o trajeto cíclico do herói, quanto ao esqueleto da arte de contar histórias, a ponto de servir de fundamento para roteiros de cinema.

A título de demonstração, faremos uma experiência com o primeiro estágio desse trajeto que, em Propp, é a função “afastamento”, ou a situação em que uma personagem se distancia de ambiente que lhe é familiar para percorrer outros lugares, e que, em Campbell, no bloco “Mundo Cotidiano”, é a primeira etapa, nomeada “Partida” ou “Separação”.

Em ambos os autores, está apontado o fato de que as histórias começam por relatar as condições em que os protagonistas de algumas vindouras façanhas, o herói ou heróis, vivem num espaço de sentido antes de partirem.

Com isso, levantamos a hipótese de que o lugar no enredo mais crucial para a apreensão do desenho de uma cultura está relacionado ao grupo de ações marcadas para Propp (2010) como o momento de “mediação” e, para Campbell (1992), como o momento denominado “o chamado da aventura”. Aqui interessa-nos o que diz respeito a uma identificação do herói com o chamado. Para nós, nesse caminho do chamado como ponto em que acreditamos poder ver as marcas de uma cultura, pois o chamado do herói é também o chamado para os entusiastas que se interessarão por suas aventuras, é importante notar as peculiaridades do caráter de nossos heróis na contemporaneidade.

Notando que os protagonistas de *La Casa de Papel* se enquadram na categoria, tão popular em séries nas últimas décadas, do anti-herói, é relevante sublinhar que este ocupa uma posição limite, pois está muito próximo das qualidades que dão significado ao vilão. A diferença principal residiria no fato de que, para o vilão, a maldade é o fim que ele procura,

enquanto o anti-herói não tem as características morais do herói, o altruísmo ou a solidariedade, mas também pode executar ações desejáveis para uma comunidade.

A recordar os fora da lei por quem torcemos ao longo das fabulações de nossa civilização, seríamos obrigados a constatar que, descontadas as modalizações assumidas a cada tempo e lugar, a cada cultura, não há grandes mudanças em termos de princípios básicos.

Referências bibliográficas

- CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 2005.
- _____. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 1992.
- FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego**. Edição Standard Brasileira, Volume XVIII (1920-1922). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- BAKHTIN, M. **Estética de la creación verbal**. Madri: Siglo XXI, 1982.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. México: Fundo de Cultura Econômica, 1993.
- KNIGHT, S. **Robin Hood: A Mythic Biography**. UK: Cornell University Press, 2003
- LEBLANC, M. **Arsène Lupin Ladrão de Casaca**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- PROPP, V. **Morfologia do conto maravilhoso**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- ZIZEK, S. A paixão pelo real. Entrevista. **Folha de S. Paulo**. 30 nov. 2003.
- _____. **Bem-vindo ao deserto do real**. São Paulo: Boitempo, 2002.
- _____. Grimaces of the real, or when the phallus appears. **October**. N. 58, Massachusetts, MIT Press, Fall 1991.

Mayra Rodrigues Gomes

Professora titular no Departamento de Jornalismo e Editoração e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP. Doutora e mestre em Comunicação pela ECA-USP, é livre-docente pela mesma instituição e realizou pesquisa de pós-doutorado na PUC-SP. É uma das líderes do grupo de pesquisa MidiAto (ECA-USP) e pesquisadora do Obcom – Observatório de Comunicação Liberdade de Expressão e Censura. Bolsista de Produtividade em Pesquisa/CNPq (Pq1D).